
“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

“The farm is a school”: the Palikur indigenous people's own references to their knowledge

Tadeu Lopes Machado
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Macapá-AP-Brasil

Resumo

O artigo se volta para uma reflexão sobre a construção de conhecimento indígena a partir da tradição e do estilo de vida do povo Palikur, tendo como horizonte de análise a imersão do indivíduo em dois aspectos essenciais para a construção e manutenção da territorialidade indígena: as roças e o cuidado com as mulheres grávidas e os bebês. Ao longo da reflexão, demonstra-se que esses dois aspectos da vida Palikur são constituídos de saberes ancestrais, alianças e acordos com o mundo invisível, além de se estruturar numa cadeia de conhecimentos que constitui e integra o indivíduo ao mundo Palikur. Compreendemos que o repertório de compreensão da realidade desse povo indígena extrapola o saber-fazer da prática cotidiana, e isso significa que suas práticas ancestrais acentua a necessidade de estabelecerem projetos de vida que superem as imposições do Estado. Desse modo, o conhecimento indígena adquirido no caminho da roça, na própria roça, na ação invisível que o pajé executa com o mundo espiritual, e nos cuidados com as mulheres grávidas e os bebês recém-nascidos, são imprescindíveis para reafirmar sua identidade e reivindicar que esses saberes não são menos importantes daqueles transmitidos na escola.

Palavras-chave: Conhecimento indígena; Povo Palikur; Saberes tradicionais; Educação escolar.

Abstract

This article reflects on the construction of indigenous knowledge based on the tradition and lifestyle of the Palikur people. The horizon of analysis is the immersion of the individual in two essential aspects for the construction and maintenance of indigenous territoriality: the fields and the care given to pregnant women and babies. Throughout this reflection, it is shown that these two aspects of Palikur life are made up of ancestral knowledge, alliances and agreements with the invisible world, as well as being structured in a chain of knowledge that constitutes and integrates the individual into the Palikur world. We understand that the repertoire of understanding of the reality of this indigenous people goes beyond the know-how of everyday practice, and this means that their ancestral practices emphasize the need to establish life projects that go beyond the impositions of the state. In this way, the indigenous knowledge acquired on the way to the farm, in the farm itself, in the invisible action that the shaman performs with the spirit world, and in the care of pregnant women and newborn babies, is essential for reaffirming their identity and claiming that this knowledge is no less important than that transmitted in regular schools.

Keywords: Indigenous knowledge; Palikur people; Traditional knowledge; School education.

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

Introdução

Os processos de educação indígena do povo Palikur devem ser entendidos a partir de um conjunto de mecanismos historicamente cultivados dentro da tradição desse povo. Portanto, devem ser pensados para além do contexto escolar formal que fora inserido em suas aldeias ao longo dos últimos 50 anos.

Gersem dos Santos Luciano (2013, p. 43) compreende que “processos educativos são inerentes a qualquer sociedade humana, pois é por meio deles que as sociedades produzem, reproduzem e difundem os conhecimentos e valores que garantem sua continuidade histórica”. É dessa forma que dispomos o entendimento sobre o contexto de aprendizagens e educação no território indígena Palikur, e é com esse propósito que buscamos compreender os processos educativos que correspondem ao modo de vida desse povo indígena e que estão diretamente conectados ao território Palikur e tudo o que nele contém.

Ao longo do texto perceberemos que essas aprendizagens são princípios fundamentais para sua manutenção enquanto grupo étnico, e que, mesmo estabelecendo contatos e aproximações diversas com outros meios e atores sociais, permanecem manejando seus fundamentos e referências pedagógicas tradicionais, pois trata-se de seus processos próprios de saberes e conhecimentos.

Percebemos que a vida na aldeia é cheia de muitas atividades de aprendizagens. Essas aprendizagens são constituídas de metodologias próprias e estão sempre presentes na forma de fazer, de ser e de se reproduzir enquanto uma pessoa Palikur. A pessoa Palikur deve absorver os aspectos criativos que a constroem e que a constituem, e o processo absorção requer tempo, organização, cuidado e respeito com os elementos que se entrelaçam no cotidiano da vida desse povo indígena. Esses requisitos são elementares para que a pessoa possa efetiva e adequadamente se inserir no universo indígena do seu povo.

Para fins de análise nesse artigo, utilizaremos duas situações comuns que envolvem o cotidiano da vida Palikur. Tratam-se dos conhecimentos acerca da plantação das roças, em que os indígenas são absorvidos por uma aprendizagem própria para fazer suas plantações, desde a escolha do terreno até a colheita. Essas aprendizagens envolvem contribuições humanas e não humanas, visíveis e não visíveis. Entendemos que esses ensinamentos sobre o território, a terra e o cuidado que isso envolve são frutos de uma construção de

conhecimento milenar, e que é necessário dedicação para que sejam manejados conforme os costumes e a tradição desse povo.

Outra situação que envolve o cotidiano Palikur, e que traremos para analisar nesse artigo, refere-se aos cuidados referentes a gravidez das mulheres e o nascimento de bebês na aldeia. Entendemos que desde a concepção os Palikur se inserem em uma técnica de acolhimento, compreensão, aprendizagem e de localização no mundo, o que os torna capazes de compreender sua realidade e se transformar em “pessoas entendidas” do seu universo indígena.

A presente reflexão é fruto da pesquisa de campo de cunho etnográfico, realizada no decorrer da formação doutoral do autor, na aldeia Kumenê, município de Oiapoque, estado do Amapá-Brasil. Aliado à pesquisa de campo, nos ancoramos nas perspectivas teóricas propostas por Pereira (2014), Tassinari (2015), Ferreira (2019), Sá e Almeida (2023), entre outros, buscando ter uma compreensão teórica daquela realidade.

O objetivo desse estudo é, inicialmente, entender as metodologias de aprendizagens Palikur que estão diretamente relacionadas ao conhecimento tradicional sobre a terra, o território, bem como a forma como se cuida do indivíduo para formá-lo em pessoa indígena daquele povo, o que lhe torna capaz de transmitir para as gerações futuras as aprendizagens necessárias para colaborar com a manutenção da vida e do projeto Palikur de existência.

Esse povo atualmente habita o território indígena Uaçá, juntamente com os Karipuna do Amapá e os Galibi-Marworno. O território Uaçá está localizado no município de Oiapoque, extremo norte do estado do Amapá, fronteira com o Departamento Ultramarino francês – Guiana Francesa (Machado, 2022).

De acordo com a historiografia da região, os Palikur habitam o território da costa do atual estado do Amapá-Brasil desde antes da invasão europeia nas américas. De acordo com Capiberibe (2007), desde 1513 os Palikur estão inseridos nos escritos e relatos de viajantes europeus a partir de designações diversas: Paricuria, Paricura, Paricuras, Paricores, Palincur(s), Palicur, entre outras.

O povo Palikur é subdividido em clãs. Antigamente eram aproximadamente 30 clãs, segundo Batista (2018), já na atualidade esse quantitativo se reduziu a apenas 06 clãs. Batista (2018) também menciona a independência dos clãs Palikur como uma de suas profundas características. Cada clã vivia em um território diferente, tinham suas próprias festas, falavam

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

suas próprias línguas, tinham suas próprias regras políticas e familiares bem definidas. Com a chegada do invasor europeu, bem como a partir da entrada da missão evangélica em seu território, os Palikur se reduziram a poucas aldeias (criaram uma de referência – Kumenê – onde foi instalada a igreja, a escola, o posto da FUNAI e o posto de saúde), reduzindo também os clãs, e consecutivamente também a variedade de línguas. Hoje falam somente uma língua, o *parikwkai*, a qual é caracterizada por ser uma conformação das várias línguas dos antigos clãs.

Atualmente as aldeias Palikur estão localizadas nas margens do rio Urucauá, centro da terra indígena Uaçá, embora, por estratégia política, também tenham aldeias construídas às margens da BR 156, a qual liga o município de Oiapoque à capital do estado, Macapá. Kumenê continua sendo a aldeia de referência dos Palikur na região de Oiapoque. É nessa aldeia que está localizada a Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá, que oferece educação escolar desde o ensino infantil ao ensino médio (Machado, 2022).

A roça: uma plantação de conhecimentos

Na roça Palikur são cultivados diversos tipos de produtos que são a base da alimentação indígena. A principal delas é a mandioca, utilizada para a produção da farinha, que também é o principal excedente que comercializam no mercado da cidade de Oiapoque. Porém, além da mandioca também plantam macaxeira, batata doce, banana, cará, abacaxi, cana de açúcar, melancia (Machado, 2017).

A roça é um espaço muito importante para garantir a manutenção do estilo de vida Palikur, entretanto, ela não se destina somente à plantação de mandioca ou outros produtos para consumo alimentício. Por ser um espaço que historicamente faz parte da cultura indígena, a roça representa muito mais que um local para gerar alimentos. Ela produz conhecimentos, aprendizagens, percepções, ela é um espaço em que os indígenas se formam e se conectam com o ambiente que ocupam. A roça é o espaço em que se plantam, se cultivam e colhem saberes indígenas que são fundamentais para a manutenção da vida como um todo.

Para fazer uma roça é necessário que tenha conhecimento prévio do local onde se quer demarcar para plantar. Isso é necessário porque, fazer roça é um investimento que requer tempo, serviço, dedicação, cuidado e sensibilidade. Portanto, deve ser muito bem planejado. Nesse caso, o primeiro passo é pedir permissão para o Dono do lugar que habita o mundo invisível, para ter permissão para adentrar a mata que deseja ocupar com as plantações por alguns meses.

Há muitos conhecimentos envolvidos no processo de escolha do local adequado para construir uma roça. Os Palikur prezam por um terreno sem elevações, que seja plano e que apresente uma boa vegetação, pois, se tiver uma boa vegetação, é sinal de que a terra é fértil.

Para se certificar que a terra é boa, os Palikur abrem uma pequena fenda com terçado, faca ou enxada, em vários locais do solo para confirmar se sua “cor é bonita” ou não para plantar. Caso seja uma terra com a cor escurecida e macia, é confirmado que ali é um bom local para fazer a roça. Mas se for uma terra vermelha e dura, já desiste do local, pois o solo naquele lugar não é fértil, e insistir para plantar nessas condições será apenas perda de tempo e esforço inútil.

Como já falamos mais acima, após ser escolhido o local onde se deseja fazer a roça, o segundo passo é pedir permissão para *Ahavwi anag* ou *Ahawki*, que, para os Palikur, é a mãe ou o avô invisível de todas as plantas, de todas as árvores, de todos os vegetais que saem de dentro da terra, é o ser invisível que cuida e protege a mata, os animais e os igarapés. De acordo com a tradição Palikur, esses seres devem ser respeitados rigorosamente, por isso, ao chegar no local em que deseja abrir uma roça, a pessoa Palikur deve dizer algumas palavras de saudação e proferi-las com todo respeito, para explicar seu objetivo em estar naquele local.

Em uma das viagens de campo que fiz à aldeia Kumenê, em 2019, uma pessoa da aldeia me contou as palavras que aprendeu de seus pais, e também de outras pessoas mais idosas, e que sempre diz ao entrar na mata para abrir uma roça:

Ahavwi anag, nah ayta akak madikte kiyatka ayraptihwene pit adah nah kenne nubiyavan (nuwasah) anum inin iwetrit. Nah muwaka ihukwa aneysawa ah, awaku nah gukakis nukebyunvwi, usuh muwaka waxni. Nah aya ta pit kaba keh arikenama mbeyne nukakuh, hawata gukagkis nukebyunvwi, nah avuriw kabayntiwa inin iwetrit (Ailton Batista, 2019).

Ahavwi anag, vim com todo respeito pedir permissão a você para fazer a minha roça neste local. Preciso derrubar algumas plantas, pois eu e minha família precisamos de alimentos. Peço a você que não faça nenhum mal para mim e nem para minha família. Vou cuidar bem deste lugar (Traduzido por Ailton Batista, em 2021).

A escolha do local, portanto, é um passo muito importante para o processo de construção de roças. Compreendemos a partir dessa conversa com o invisível o quanto de importância é dada para o ambiente em que vai agir na terra para gerar alimento, como

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

também entendemos que o respeito, o cuidado e a delicadeza são atitudes centrais e constituem todo o processo de escolha do local onde será a roça.

A relação do visível com o invisível, o Dono do lugar, a mãe ou o avô das coisas que existem na floresta é mediada pela colaboração mútua. Ao mesmo tempo em que o ser visível promete cuidar das coisas que ali existem, também pede que nenhum mal aconteça para si e para sua família, isso porque a pessoa precisará executar outros processos que fazem parte do processo de construção de uma roça indígena, tais como: roçagem (*tirahka*), derrubada (*ivukwaki*), queimada (*bukahka*), coivara (*ikevwiyaki*), plantio (*mutuhka*), capina, ou limpeza (*madivwiska*), colheita (*waraka kaneg*) (Labontê, 2016, p. 14). Ou seja, o processo que envolve a construção da roça é entendido como uma ocupação que incomoda o invisível, que age em um local em que precisa de autorização. Por isso é preciso ter cuidado consigo e com os parentes próximos, para que não sofram represálias em função da ocupação do local.

Um elemento importante para ser compreendido nesse momento, é que os Palikur entendem que o lugar tem dono, tem o seu guardião, tem um ser que o protege, que o guarda, que é antigo (como um avô), e por isso é muito sábio, mas que também é bondoso, paciente e compreensível (como uma mãe), mas que também pode punir, caso seja desrespeitado.

Diante disso, a roça é considerada pelos Palikur um local muito importante, pois, a partir de sua abertura, passa a ser o local onde a família nuclear mais se reúne, depois de sua própria casa na aldeia. O local escolhido para fazer a roça, pelo menos por 6 meses, torna-se o espaço que receberá visita quase todos os dias. E, por isso, será um dos locais onde as conversas, as histórias, as brincadeiras, os conselhos, os conhecimentos são repassados. E é preciso compreendê-lo como um espaço intergeracional, pois todas as pessoas de uma mesma família vão para a roça, mulheres, homens, jovens, idosos, adolescentes e crianças, cada um/a tem suas tarefas a serem desenvolvidas dentro do espaço da roça.

Por volta dos sete meses de idade, por exemplo, a criança começa a ser levada por seus pais à roça. Para proteger-lhe do sol ou da chuva, os pais constroem uma pequena casa, coberta com palhas de inajá, no centro do plantio, onde colocam uma rede e ali deixam seu bebê recém-nascido aos cuidados e olhos atentos de um irmão ou irmã mais velha. A qualquer choro sua mãe é acionada para dar de mamar. Alimentada, a mãe a deixa novamente na rede e volta para o trabalho.

Levar os bebês para a roça é algo comum entre os Palikur. Isso ocorre pelo fato de muitas vezes não ter com quem deixar o bebê recém-nascido na aldeia, e por ser imprescindível a força de trabalho da mãe no plantio. A roça requer muito empenho de todos os membros da família, pois é um trabalho árduo, pesado, cansativo, e que precisa da ajuda de todos, o que torna a força de trabalho da mãe do bebê indispensável para o serviço na lavoura.

Diante disso, percebemos que o contato da pessoa Palikur com a roça se dá bem cedo, sua ligação com esse lugar é construída desde a tenra idade, e seus laços com as aprendizagens e códigos próprios do roçado são evidentemente moldados a partir dos primeiros meses de vida.

A partir dos dois anos de idade, a criança continua sendo levada para a roça, mas não fica mais na rede, pois já consegue andar e começa a fazer pequenas tarefas no trabalho da roça. Na roça a criança cresce com uma profunda afinidade com o espaço. Às vezes brinca com seus irmãos, junta pequenos galhos, carrega alguma mandioca pequena, colhe pequenas frutas silvestres, toma banho no rio.

Também é importante destacar que as crianças que já estão em idade escolar, a partir dos 4 anos, muitas vezes são poupadas de acompanhar os pais no roçado, em função de preservar seus compromissos escolares. No entanto, alguns pais priorizam a ida de seus filhos para a roça, principalmente quando é o período de colheita e que precisa de mais pessoas para ajudar na faina.

Depois dos 8 anos de idade, até aproximadamente os 12, as crianças passam a ter outras responsabilidades na divisão do trabalho no roçado. Sua tarefa principal nessa faixa etária é distribuir o chibé (*buguhaki*) para as pessoas adultas que estão trabalhando. Também nessa idade já participam do mutirão da plantação de maniva¹. Além do mais, elas passam a ser responsáveis em cuidar dos irmãos mais novos dentro da roça, enquanto seus pais trabalham.

As brincadeiras também são sempre constantes na vida das crianças nas roças. Em geral inventam seus brinquedos baseados nos trabalhos em que estão aprendendo. Assim, brincam de arco e flecha para caçar passarinhos, caçar lagartas, inventam apitos feitos de palha, ou fazem rapidamente lanças com madeira para treinar a pontaria.

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

Quando jovem, a pessoa Palikur se envolve em todas as tarefas da roça. Entretanto, além de trabalhar junto com seus pais, os jovens também passam a ter sua própria roça para cuidar. Nos caminhos que cotidianamente traçam da aldeia para a roça, e da roça para a aldeia, as conversas, os conselhos, as piadas, as brincadeiras, os gracejos, e as histórias entretêm esses inúmeros momentos de sociabilidade.

O tempo do caminho para as roças, seu retorno, bem como o tempo de trabalho são uns dos momentos propícios que os adultos utilizam para repassar oralmente os conhecimentos dos mitos dos antigos, o aprendizado sobre os locais onde tem maior fartura de caça, de peixes, de jacarés, de tracajás, os pontos de referências dentro da mata (caso algum dia precise para não se perder), os nomes de plantas e ervas benéficas ou maléficas, o aprendizado das madeiras boas para fazer canoas, casas, remos e *takah*, etc.

A importância desse espaço e tudo o que o envolve e simboliza para os indígenas fica muito evidente numa argumentação de Ravielson Guiome Felício, uma criança Palikur que em 2019 tinha 12 anos de idade, e naquele período era aluno do 5º ano do Ensino Fundamental. Em uma conversa informal com ele, perguntei se ele achava que na aldeia tinham outros locais para aprendizagens, que não fosse somente a escola. Imediatamente ele respondeu:

A roça também é uma escola, na roça aprendi com meus pais a plantar mandioca, macaxeira, banana, abacaxi, cana-de-açúcar e batata doce, e também cuidar das plantações. Na roça aprendi muitas coisas com meus pais de ter conhecimento de trabalhar na roça, aprendi a fabricar farinha, tirar tapioca da massa de mandioca.

A escola é como uma roça, na escola aprendi coisas novas com professor, consegui conhecimento de ler texto, escrever, desenhar, respeitar pessoas idosas, colegas em sala de aula, fizemos atividades escolares coletivas. Assim também na roça de trabalho de mutirão de plantação de roça vai muita gente, com conhecimentos diferentes de organizar trabalhos coletivos. Então, na escola é lugar de preparar criança, de organizar conhecimento, formar alunos capazes de participar da comunidade e se manifestar nas reuniões. Na roça também a criança se prepara com os pais e com todas as pessoas que vai para o mutirão (Ravielson Guiome Felício, 2019, aldeia Kumenê. GRIFOS NOSSOS).

Perceba que, já no entendimento dessa criança de 12 anos, a roça faz parte do mundo de conhecimento Palikur, e sua experiência tanto com a escola quanto com o roçado a faz comparar os dois ambientes como similares, como espaços onde as crianças aprendem a viver, aprendem as tarefas essenciais para a perpetuação de sua produção cultural, social e reprodução da vida.

Percebemos também nesse comentário de Ravielson a importância que as tarefas coletivas têm dentro da vida Palikur. Segundo sua percepção, cada indivíduo que participa do

mutirão leva para o trabalho um pouco de sua contribuição com “conhecimentos diferentes”, o que faz com que todos sejam afetados com os conhecimentos postos em jogo.

Na região indígena de Oiapoque, composta por quatro povos indígenas (Galibi-Marworno, Karipuna, Palikur e Galibi Kalin’a), há semelhança na forma como esses grupos étnicos cuidam da aprendizagem das crianças.

Tassinari (2015), em uma etnografia das casas de farinha Galibi-Marworno, apresenta uma análise a respeito das representações que as crianças fazem sobre o significado do ambiente que cerca a produção de farinha, em que a roça é um dos ambientes elementares. A autora destaca que “as casas de farinhas são espaços fundamentais de educação das crianças e para a continuidade do grupo”, além do mais,

Acompanhar os pais e familiares do seu *hãii* nos trabalhos diários para a produção de farinha e ajudar na sua feitura são atividades que as crianças realizam conforme sua vontade e desejo, dedicando-se, em alguns momentos, a executar algumas tarefas e, depois, as abandonando para brincar com outras crianças (Tassinari, 2015, p. 66).

A partir da análise de desenhos produzidos pelas crianças Galibi-Marworno, Tassinari (2015) compreende que o processo que envolve a produção da farinha (desde a plantação da roça até seu consumo ou comercialização na cidade) ocupa uma centralidade no entendimento infantil para o convívio familiar, para aprendizagens fundamentais.

Eneida Corrêa de Assis (1981) fala da forma de aprendizagem das crianças com relação a educação tradicional dos Karipuna e Galibi-Marworno. Diz que não há uma preocupação de ensinar as crianças, adolescentes e jovens a partir de uma dinâmica institucional de ensino, mas eles aprendem por imitação, vão vendo como os adultos fazem e aos poucos vão realizando as tarefas (Assis, 1981, p. 40). Esse tipo de aprendizagem vai se consumando à medida que as crianças, desde a tenra idade, iniciam seu processo de acompanhamento de sua família para os espaços de aprendizagens.

À semelhança dos Galibi-Marworno, entendo que para o povo Palikur o processo de produção de farinha, assim como outros cultivares, também corresponde a um elemento central em sua organização social, econômica e educativa. O chamado “ciclo da mandioca” (Capiberibe, 2007, p. 62), que corresponde a todo processo de fabricação da farinha e seus derivados, que envolve desde a escolha do local para a plantação até o ensacamento da farinha ou a extração da goma da tapioca e do tucupí, são constituídos de processos que

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

alimentam e fortalecem a identidade Palikur em diversos âmbitos, conforme já destacamos mais acima.

A aprendizagem que ocorre nos espaços de conhecimento, seja na pescaria, na caça, na reunião da comunidade ou mesmo no processo que envolve o trabalho na roça, se constitui por imitação e precisa de atenção e repetição contínua. Na roça, por exemplo, há sempre um guia experiente para acompanhar os mais jovens na reprodução de suas habilidades. Esses guias não são necessariamente somente os pais das crianças e jovens, mas podem ser outras pessoas que estejam participando dos mutirões, por exemplo.

A escolha da roça, seu tamanho, o tempo de realizar cada atividade, a forma de plantar a maniva, o tempo certo e o jeito de arrancar as mandiocas, bem como as intermitentes histórias, aconselhamentos, cânticos, gracejos, piadas, brincadeiras que envolvem todo o cenário do trabalho na roça, são conhecimentos constituídos a partir de uma forma própria de aprendizagem, a partir de uma pedagogia que envolve cuidado, dedicação, persistência, repetição, envolvimento e contribuição de muita gente no processo.

Outrossim, a característica de compartilhamento de responsabilidade para ensinar é também um destaque importante nesse processo pedagógico Palikur. Estamos chamando de “compartilhamento” o processo de ensinamento e acompanhamento que envolve não só os pais das crianças e jovens, mas também outras pessoas de sua parentela, como também outras pessoas da própria comunidade.

A esse respeito, Rosilene Fonseca Pereira (2014, p. 19), ao fazer uma abordagem sobre a forma como os conhecimentos adquiridos pelas crianças de seu povo Piratapuia, no Alto Rio Negro, se organizam de forma circular, onde recebem influência de várias experiências com seus pais, avós, tios, tias, e outros membros de sua parentela, demonstra que essa circulação da pessoa enquanto criança é fundamental para que consiga agregar saberes insubstituíveis e fundamentais para sua vida. É a partir dessa circulação que o indivíduo compreende os conhecimentos necessários para entender e se apropriar dos princípios que garantem a manutenção da vida como um todo em seu meio.

Da mesma forma, para ser um bom caçador, o jovem indígena Palikur primeiramente tem que acompanhar por muitos anos os mais velhos. Seus parentes adultos são responsáveis em proporcionar esse aprendizado, além de garantir sua segurança. Portanto, na ausência do pai, é o avô, tio ou irmão mais velho que garantem que os conhecimentos sejam repassados, assegurando assim a necessária circulação de saberes entre os indivíduos.

Outro elemento que merece destaque nesses pontos de conhecimentos que contemplam o percurso formativo da educação Palikur são os aconselhamentos que os pais, tios, avôs, avós, o cacique, ou pessoas mais idosas da comunidade repassam para os mais novos. Esses aconselhamentos podem surgir numa conversa mais formal, mas são muito presentes nos momentos da pescaria, da reunião da comunidade, da caça, nos percursos que levam e trazem para a roça. São conselhos que guiam os mais novos a partir dos saberes dos mais velhos, e são usados no momento certo para assegurar que a pessoa aconselhada trilhe um caminho mais seguro em sua vida.

Segundo Pereira (2014), o aconselhamento é caracterizado como uma das formas com que os Piratapuaia guiam seus filhos desde criança. São regras explicitadas através dos conselhos dos pais ou dos mais idosos que devem ser estritamente observadas ao longo de toda vida. O aconselhamento é um pensamento que se caracteriza como uma atribuição para reconhecer o valor e respeitar as diversas relações que temos com nosso meio. “Os aconselhamentos nos indicam as formas corretas de comportamento com as outras pessoas e com os outros seres” (Pereira, 2014, p. 35), eles demarcam as regras e os limites nas relações que os humanos estabelecem com o meio em que vivem.

Dessa forma, é necessário compreender que os conhecimentos que se estruturam e são repassados a partir da presença constante na roça, fazem parte de um complexo conjunto de conhecimentos e saberes historicamente acumulados, e que se renovam e se atualizam a partir do constante cuidado e repasse das formas de ver, sentir e estar no mundo. O compartilhamento dos conhecimentos se dá desde os primeiros meses de vida. Entretanto, o cuidado em estender e aprimorar a conexão do indivíduo com o meio que o cerca é garantido desde a gestação da mãe, conforme assinalaremos a seguir.

Pedagogia do cuidado: a gravidez e os recém-nascidos

O cuidado que os Palikur têm com as grávidas e os recém-nascidos nos mostram uma faceta de uma pedagogia primordial para a vida desse povo indígena. Segundo meu entendimento o cuidado torna-se rotina para eles à medida que entendem a necessidade de respeitarem as relações que mantêm com o mundo visível e invisível.

Passarei a narrar algumas facetas desses cuidados baseados em relatos que me foram repassados durante algumas estadias minhas no Kumenê, no decorrer da pesquisa de campo

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

para a construção da tese de doutorado, como também relatados por alguns Palikur em visitas que fizeram à Macapá e ficaram hospedados em minha casa.

Quando uma mulher Palikur descobre que está grávida ela é cercada de muitos cuidados. Todo mês sua mãe prepara um banho com remédios naturais colhidos na mata. São ervas, plantas e cascas de árvores medicinais. Todo mês a mulher grávida recebe esse banho, além de receber massagens em sua barriga para prepará-la para que tudo ocorra bem na hora do parto. Já as plantas medicinais utilizadas em seu banho, são para cuidar tanto da mulher quanto do bebê que ainda está em seu ventre. O banho irá ajudar o bebê nascer rápido, assim que chegar sua hora.

Tanto a mãe quanto o pai do bebê devem tomar muitos cuidados para não prejudicar a criança que está por vir a nascer, pois alguns descuidos podem levar a criança à morte ainda no ventre de sua mãe.

Durante o período de gravidez, o pai e a mãe da criança não podem cortar folha de inajá, açazeira, bacabeira e também a árvore chamada *tawni*. Essa planta é muito respeitada. Trata-se de um cipó do mato. Os espíritos dessas árvores são muito fortes, podem fazer mal ao bebê e levá-lo à morte mesmo dentro da barriga da mãe. Os pais não podem nem mesmo tocar nessas árvores.

Além disso, os pais também devem se abster de comidas como: jabuti, preguiça, macaco, tracajá; além de não poder matar, em suas caçadas, nenhum tipo de cobra venenosa, nem aranha, nem inseto venenoso, pois também os espíritos desses animais podem levar o bebê à morte, ou então o bebê já pode nascer com ameiba, vermes ou dores de barriga, vômito, diarreia.

Outro detalhe proibitivo sobre a dieta alimentar da pessoa grávida, é que não pode comer qualquer animal abatido no alto das árvores e que não tenha caído direto no chão, sem ficar preso nos galhos e tronco das árvores. Caso se alimente de um animal que ficara emaranhado nos galhos das árvores no momento de seu abatimento, na hora do parto a criança poderá ficar presa no ventre da mãe, e aí é muito perigoso para a vida tanto da mulher quanto do bebê.

E tem mais: deve-se ter muito cuidado com a comida assada na brasa. A pessoa que for assar a comida deve ter cuidado para a carne ou o peixe que está assando não cair em cima da brasa. Caso caia, deve-se separar os pedaços que caiu e avisar para a pessoa grávida. Se vier a comer algum pedaço que caiu diretamente em cima da brasa, na hora do parto a

criança pode sair da posição correta para o nascimento. E isso também representa um grande risco tanto para a mãe quanto para a criança.

Depois que o bebê nasce os cuidados continuam. Uma das primeiras providências que os Palikur tomam é chamar o pajé para rezarⁱⁱⁱ no recém-nascido. O pajé entra no quarto onde o bebê e a mãe estão descansando, acende seu cigarro, canta músicas pedindo a proteção da criança contra os maus espíritos das plantas, rios e dos animais. Assopra a fumaça do cigarro no corpo do bebê para afastar os espíritos dos animais selvagens, das plantas ruins e também o espírito do *wavityenbu*. O pajé entra em comunicação espiritual com esses espíritos que são maus e invisíveis, e se não afastados podem causar sérios problemas para a vida da criança.

Os espíritos dos animais, por exemplo, podem causar choro sem limite, espanto, medo frequente, ou até a morte causada por vômito, diarreia, febre. Já o espírito *wavityenbu*, que é também conhecido como *maygikune*, que significa “gente que se move no meio do ar”, quando passa perto do bebê e olha para o recém-nascido, de repente a criança chora, grita forte, desmaia. Portanto, a presença do pajé junto à criança em seus primeiros dias de vida é fundamental para que esses espíritos não prejudiquem seu crescimento.

Depois que a criança completa o primeiro mês de vida seus pais começam a preparar seus banhos com remédios, também extraídos da floresta. Esses banhos fazem com que o bebê cresça forte, rápido, saudável e se prepare para sua vida. O banho com a erva *bakugkigvan* faz o corpo do nenê ter um bom movimento e, a partir de oito meses, já começa a andar, correr, brincar. Essa erva é um cipó arredondado, que pode ser encontrado facilmente dentro da mata, próximo à aldeia Kumenê.

Outro banho importante de ser preparado para o bebê é com a erva chamada *avakni awak*, que faz a criança apresentar, de acordo com as palavras de minhas interlocutoras, “um comportamento fora do comum”. Esse comportamento incomum significa que a criança está sendo preparada com o banho para ser guerreira, então a criança vai crescer sendo brava, bate e morde nos colegas, briga, não aceita negociação com outras crianças. A palavra *avakni awak* significa “pata do gavião”, ou “unha do gavião”. É uma planta também bastante comum nas proximidades da aldeia Kumenê.

Entretanto, para ser guerreira de verdade, a criança deve também receber outros preparativos com a ajuda do pajé. Um desses preparativos é quando o pajé entra no espírito do macaco e leva esse espírito para dentro da criança, e então a criança fica enfeitiçada e se

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

torna uma pessoa com muita coragem, que não tem medo de ninguém, que consegue enfrentar qualquer pessoa em uma luta, pois o macaco é astucioso e não tem medo de enfrentar as adversidades.

Os banhos e os demais preparativos feitos pelo pajé são utilizados com bastante frequência nas crianças Palikur, tanto homem quanto mulher, pois acreditam que seu povo precisa ter várias pessoas guerreiras para defender e lutar pelos interesses dos Palikur. E, portanto, os preparativos se iniciam desde recém-nascido e continuam até a idade adulta.

Outro banho importante para ser ministrado nas crianças desde a tenra idade, é com as ervas *misibyo awak* e *kaybone adukap*. A primeira quer dizer “pata do morcego”, a segunda “peito da cobra”. O banho com ambas as plantas prepara a criança para, quando crescerem, serem ágeis, espertas e ligeiras na subida de árvores, como o açazeiro e a bacabeira, sem sentir dor ou cansaço.

Para preparar a criança para ter agilidade na tecelagem de cestarias, peneiras, tipiti, colares e adornos de plumagens, uma vez na semana os pais da criança pegam o ninho do japiim (*sawakuk*), esquentam no fogo e colocam nas mãos ou nos braços da criança. Ou então, colocam o ninho em uma vasilha com água, deixa por um ou dois dias descansando, depois dá o banho na criança com aquela água. Feito esse trabalho, quando adulta, a criança terá uma grande habilidade para tecer quaisquer objetos utilizados tradicionalmente pelos Palikur.

Depois do nascimento do bebê as restrições alimentares e de algumas atividades continuam por parte dos pais por, pelo menos, até seis meses de vida da criança. A mãe deve evitar comer tracajá, jabuti, pirarucu, galega, arara, mergulhão, macaco, guariba. O jabuti e a tracajá podem causar ameba na criança. Já o pirarucu e o mergulhão podem causar cólica e diarreia. A galega e a arara vermelha causam diarreia ou mesmo sangramento nas fezes do recém-nascido. O macaco e a guariba causam verme. Portanto, a mãe deve se abster de todas essas comidas, pois seus males são transmitidos ao bebê pelo leite materno, e podem prejudicar muito sua saúde.

Com relação às restrições do pai, este não pode realizar trabalhos pesados. As tarefas que pode fazer se restringem a caçar, pescar e preparar a comida para sua mulher, que são atividades consideradas “leves”, ou que não precisam de muito esforço físico para executá-las. Isso se estende por um período até que o bebê complete seus 6 meses de vida. A explicação para que o pai não possa fazer nenhuma atividade que lhe exija esforço físico

demasiado está no entendimento de que o cansaço e as dores físicas causadas pela atividade pesada recaiam sobre o bebê, provocando-lhe dores corporais, e são dores horríveis que o bebê não para de chorar. Então, para evitar que a saúde do recém-nascido fique fragilizada, o que pode levá-lo até à morte, o pai deve respeitar todas as restrições desse momento pós-nascimento de seu filho, considerando que esses cuidados são fundamentais para garantir a saúde e o crescimento do bebê.

Depois que completa três anos de idade, e já anda, corre e fala algumas palavras, a criança começa a se reunir com outras crianças da aldeia para brincar. Nessa fase a criança brinca com seus colegas próximo à sua casa, sentado no chão, fazendo seus brinquedos. Depois que completa cinco ou seis anos já se afasta mais, junto com seus coleguinhas, para brincar de arco e flecha, tomar banho no rio, juntar pequenos galhos ao redor da aldeia, brincar de pescar, e assim por diante. Nessa fase, as crianças têm liberdade de seus pais para realizar essas tarefas, e só volta para casa no entardecer. Todos os moradores da aldeia são responsáveis em reparar essas crianças, para que não possam ir longe da aldeia.

Sá e Almeida (2023, p. 351), apontam algo semelhante na cultura do povo indígena Tentehar, quando definem que, se referindo aos cuidados coletivos que a criança recebe em meio a seu povo, “na sua filosofia ancestral indígena todos os membros da comunidade são corresponsáveis pela educação das crianças e jovens”.

Esse ponto é importante, porque a liberdade que é conferida às crianças para brincarem e produzirem seus próprios brinquedos, ao olhar apressado pode significar descaso e falta de cuidado. Entretanto, de acordo com nosso entendimento, isso representa um intenso exercício para a autonomia. Bruno Ferreira Kaingang (2019) também tem essa percepção na ação pedagógica Kaingang, ao afirmar que as crianças “são preparadas para viver sua vida de forma autônoma, isso faz com que elas tenham muita liberdade de criação de seus brinquedos e de suas brincadeiras” (Ferreira, 2019, p. 94).

A criança é uma pessoa respeitada por todos de sua família e pela comunidade em geral, isso porque é um ser que detém uma grande sensibilidade para perceber coisas imperceptíveis para os adultos. Edson Machado de Brito (2012) compreende que a criança indígena Karipuna “é considerada um ser especial por ser portadora de sensibilidades espirituais extraordinárias” (Brito, 2012, p. 49), por isso toda a comunidade é responsável por seu cuidado e desenvolvimento.

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

Notadamente, os cuidados que os Palikur dedicam para a afirmação da criança enquanto pessoa é um aspecto muito importante para perceber o quanto é querida e amada. A metodologia do cuidado com as mulheres grávidas e com as crianças é algo que atravessa gerações, e que dispõe de um saber acumulado por muitos anos, exercendo um comportamento próprio e mantendo um estilo de vida que integra a pessoa Palikur desde a barriga da mãe ao meio em que irá viver pelo resto de sua vida.

Um dos preceitos muito importantes para notar nesta pedagogia do cuidado com os bebês e as mulheres grávidas, é a importância que os Palikur dispensam para a existência e conexão com o mundo invisível. Mesmo os Palikur admitindo-se protestantes, ou seja, participantes da igreja evangélica Assembleia de Deus, consideram fundamental manter algumas práticas espirituais tradicionais. Percebemos, por exemplo, que a existência dos pajés e de seus serviços espirituais ainda é um fato inconteste entre esses indígenas, embora não reconheçam de imediato que haja pajés no Kumenê^{iv}.

Sobre essa questão da existência dos pajés e a relação com a igreja evangélica no Kumenê, Ricardo (1983) aponta que, como primeiro passo para dar início ao processo de conversão dos Palikur para o protestantismo foi necessário abolir os:

Obstáculos à paz, como a poligamia, a bebida alcoólica, as festas, o uso do tabaco, etc. nesta oportunidade foram quebrados, queimados e relegados ao esquecimento todos os ídolos do pecado, isto é, todos os instrumentos ligados ao vício, como os potes de caxixi, instrumentos do turé, etc. As antigas ideias religiosas passaram a ser abertamente abjuradas e os próprios xamãs e feiticeiros (sopradores) se tornaram crentes (Ricardo, 1983, p. 31).

Por outro lado, Capiberibe (2007) compreende que a aproximação dos Palikur com a igreja evangélica a partir de sua conversão “foi lida e configurada a partir de um conhecimento e de práticas preexistentes” (Capiberibe, 2007, p. 189), isso implicou dizer que as práticas religiosas protestantes passaram a ser vistas como um transe espiritual que era dominado exclusivamente pelos pajés. Dessa forma, segundo essa autora, a igreja evangélica tomou força dentro do mundo indígena porque “remetia a um referencial de comunicação com o mundo não humano extremamente xamânico” (Capiberibe, 2007, p. 189).

Desse modo, compreendemos que as práticas pedagógicas de um saber tradicional continuam a operar dentro do mundo indígena Palikur, e esses modos de compreender a realidade são fundamentais para o exercício e a formação do indivíduo e da sociedade Palikur,

porque necessitam de conhecimentos elaborados a partir de sua realidade, de sua vivência, de sua história, e os pajés, assim como as pessoas idosas da aldeia, são elementos fundamentais nesse contexto, uma vez que são eles que auxiliam os pais a manterem os cuidados necessários para cuidar da saúde de seus filhos, conectando as crianças recém-nascidas ao mundo espiritual a que ela pertence.

Considerações finais

O ensino formal não reconhece as práticas do cuidado e as aprendizagens que provêm das roças e das habilidades com as crianças recém-nascidas e as mulheres grávidas como algo significativo para ser implementado na escola. Compreendemos que os saberes cosmológicos, míticos, xamânicos dos povos indígenas são considerados pela escola formal como saberes sem qualquer valor ou coerência. É algo que foge à lógica científica, porque não se enquadra nos marcos legais da racionalidade.

Dessa forma, o ambiente escolar continua a ser organizado e pensado para os povos indígenas a partir de uma estrutura de racionalidade não-indígena, de acordo com a forma de conhecimento e entendimento que partem de uma realidade alheia aos complexos, metódicos e densos processos de compreensão da realidade dos povos indígenas.

Bartomeu Melià (1979) indica que:

A educação indígena é certamente outra (...) ela está mais perto da noção de educação, enquanto processo total. A convivência e a pesquisa mostram que para o índio a educação é um processo global. Cultura indígena é ensinada e aprendida em termos de socialização integrante. O fato dessa educação não ser feita por profissionais da educação, não quer dizer que ela se faz por uma coletividade abstrata. Os educadores do índio têm rosto e voz; têm dias e momentos; têm materiais e instrumentos; têm toda uma série de recursos bem definidos para educar a quem vai ser um indivíduo de uma comunidade com sua personalidade própria e não elemento de uma multidão (Melià, 1979, p. 10).

É a partir desses termos que entendemos que a educação escolar indígena deve ser construída, tendo como parâmetro os processos próprios de aprendizagens dos indígenas, compreendendo sua pedagogia que requer cuidado, atenção, respeito, carinho, e está envolvida num acúmulo sem tamanho de saberes e compreensões sobre a vida e suas manifestações. Portanto, uma escola que se queira indígena de fato, jamais poderá perder de vista a essência da pedagogia indígena, pois esta deve ser o caminho para a construção de uma escola envolvida com a comunidade e com seus anseios.

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

Para finalizar essa reflexão chamamos atenção para outra perspectiva importante nesse processo. Entendemos que a metodologia de compreensão da realidade e de formação da pessoa Palikur se dá em diversos espaços. A criança, ainda nascitura, já é emergida em vários processos de socialização que define sua participação em espaços diversos do mundo indígena. Ela não recebe orientação somente de seus pais e parentes, mas compreende sua realidade a partir de seu intenso processo de participação nos espaços de socialização indígena, seja com os ritos aos quais é submetida, ou, quando nasce, com outras crianças ou mesmo com outras pessoas adultas.

Melatti & Melatti (1979) relatam a iniciação do processo educativo de uma criança Marubo da seguinte forma: “Durante o tempo em que o indivíduo é uma criança de colo, sem dúvida já se inicia sua formação como Marubo”. No caso Palikur, pelo que constatamos no decorrer da gestação de uma mulher grávida, o processo de formação da pessoa Palikur se inicia ainda no ventre da mãe, quando recebe todos os cuidados e intervenções em conjunto com sua genitora.

Nesse sentido, é importante destacar que a escola não ocupa um lugar central na formação de uma pessoa indígena. Compreendemos que o conhecimento indígena Palikur se constrói de forma circular, ou seja, a partir de pontos de conexão. Esses pontos são formados por diversos espaços, que contemplam, entre outros espaços, a roça, o caminho da roça, a casa de farinha, as reuniões da comunidade, as rezas dos pajés, os banhos com ervas medicinais, a escola.

Chamamos atenção da importância de incluir a escola nessa circularidade de conhecimento indígena, e não o contrário, ou seja, fazer com que os conhecimentos indígenas sejam subsumidos pelos arranjos pedagógicos da escola, pois esta é um ponto dentro do círculo de saberes, e não pode ser considerada uma entidade à parte dentro da aldeia, alheia aos processos de compreensão do mundo indígena, uma entidade que contém com exclusividade os “verdadeiros” saberes.

É a partir dessa reflexão que propomos um olhar para a escola indígena construída a partir do modelo pedagógico indígena, pois para ser uma “escola indígena” é necessário que os saberes indígenas integrem a escola, assim como integra os demais pontos de referência da educação do povo Palikur.

Nesse sentido, para lançar uma análise sobre educação escolar indígena, que se proponha a ser intercultural na escola da aldeia Kumenê, é imprescindível que o diálogo seja

aberto para o entendimento de outros pontos de referência de educação que estão interligados entre os Palikur, caso contrário correríamos o risco de “fragmentar os significados” (Tassinari, 2014, p. 163) constantes nas práticas cotidianas desse povo.

No nosso entendimento, não há outra alternativa de pensar uma educação intercultural para a escola Palikur se não a partir de suas metodologias de aprendizagens, e por isso, tratamos de trazer nesse artigo alguns fragmentos sobre o entendimento que esses indígenas construíram ao longo do tempo sobre a relação com suas roças, os cuidados com a pessoa grávida e com os recém-nascidos. Mas é importante reforçar que existem outros inúmeros processos de aprendizagens do povo Palikur. No nosso entender, essas práticas não podem estar dissociadas da temática da educação escolar, pois compreendemos que essas são as bases da manutenção da existência indígena Palikur, e, portanto, devem ser também os princípios que norteiam e dão sentido à existência da escola em sua aldeia.

Referências

ASSIS, Eneida Corrêa de. **Escola indígena, uma “frente ideológica?”**. 212f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 1981.

BATISTA, Ailton. **Origem dos clãs Palikur-Arukwayene**. 184f. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Intercultural Indígena. Oiapoque: Universidade Federal do Amapá, 2018.

BRITO, Edson Machado de. **A educação Karipuna no Amapá no contexto da Educação Escolar Diferenciada na Aldeia Espírito Santo**. 184f. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2012.

CAPIBERIBE, Artionka. **Batismo de fogo: os Palikur e o cristianismo**. São Paulo: Annablume; Fapesp; Nuti, 2007.

FERREIRA, Bruno. As crianças Kaingang: educação escolar e os processos próprios de aprendizagem. **RAU – Revista de Antropologia da UFSCAR**. N. 11 (1), jan./jun. 2019. 83-100 p.

LABONTÊ, Edielson Iaparrá. **Etnomatemática e educação escolar indígena Palikur: saberes da produção de farinha de mandioca na aldeia Kumenê**. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Intercultural Indígena. Oiapoque: Universidade Federal do Amapá, 2016.

“A roça é uma escola”: as referências próprias de conhecimento do povo indígena Palikur

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **Educação para manejo do mundo: entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro**. Rio de Janeiro: Contra Capa/LACED, 2013.

MACHADO, Tadeu Lopes. **“Na cidade vendo a farinha e de lá trago mercadora e dinheiro para a aldeia”**: redes de sociabilidades e intercâmbio de bens dos indígenas Palikur na cidade de Oiapoque-AP. 165 f. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém-PA: 2017.

_____. **A escola reivindicada: educação escolar no contexto do povo indígena Palikur**. 372 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém-PA: 2022.

MELATTI, Delvair e MELATTI, Júlio C. A criança marubo: educação e cuidados. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Nº 143, Vol. 62, Jan./abr. 1979. p. 291-301.

MELIÀ, Bartomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

PEREIRA, Rosilene Fonseca. Um olhar Waíkhana sobre a infância e a circulação de conhecimentos. In. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; ALMEIDA, José Nilton de Almeida; RESENDÍZ, Nicanor Rebolledo. (Orgs.). **Diversidade, educação e infância: reflexões antropológicas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p. 19-38.

RICARDO, Carlos Alberto. **Povos indígenas do Brasil**. Volume 03: Amapá e Norte do Pará. São Paulo: CEDI, 1983.

SÁ, Maria José Ribeiro de; ALMEIDA, Maria da Conceição de. A formação da pessoa na educação Tentehar. **Tellus**, ano 23, n. 50, p. 349-365, 2023.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Práticas corporais indígenas em espaços interculturais: entre o ritual, o trabalho e o esporte. In. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz.; ALMEIDA, José Nilton de.; RESENDÍZ, Nicanor Rebolledo. **Diversidade, educação e infância: reflexões antropológicas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. p. 163-171.

_____. “A casa de farinha é a nossa escola”: aprendizagem e cognição Galibi-Marworno. **Revista de Ciências Sociais**, n. 43, julho/dezembro, 2015. p. 65-96.

Notas

ⁱ O mutirão é um trabalho coletivo recorrente na região indígena de Oiapoque. Entre os Palikur, chamado na língua materna de *mayuka*, dependendo do trabalho a ser feito, é espalhado convite para parentes e conhecidos, para ajudar na árdua tarefa da construção das roças.

ⁱⁱ Família extensa Galibi-Marworno composta de filhos e filhas solteiros, filhas casadas e suas famílias nucleares. (Tassinari, 2015, p. 66).

ⁱⁱⁱ A expressão “rezar” foi utilizada pelos meus interlocutores para, segundo eles, exprimir o “contato espiritual que os pajés fazem com o mundo invisível”. Os Palikur têm a presença forte da igreja

evangélica em suas aldeias desde meados da década de 1960, o que fez com que absorvessem muitos termos cristãos. Conferir em Capiberibe, 2007.

^{iv} À primeira vista, e às primeiras indagações, os Palikur não admitem que haja pajés em suas aldeias, muito menos suas práticas de curas, de sopro, de encantamento. De acordo com meus interlocutores, esse posicionamento se dá em função da obediência aos preceitos da igreja evangélica, e, por conseguinte, de temer serem expulsos do convívio da comunidade cristã. No entanto, algumas pessoas Palikur me garantiram que existe sim a prática do xamanismo entre eles, e que todo mundo sabe na aldeia, incluindo os pastores e missionários, mas que fingem não saber.

Sobre o autor

Tadeu Lopes Machado

Doutor em sociologia e antropologia pela Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFPA), professor adjunto da Universidade Federal do Amapá no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII/UNIFAP) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UNIFAP). E-mail: tadeu@unifap.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8698-890X>.

Recebido em: 18/05/2024

Aceito para publicação em: 22/12/2024